

POR FAVOR LEIA COM ATENÇÃO

COMO GUARDAR O TEXTO

Para guardar este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção GUARDAR (em inglês, SAVE) no seu browser (Explorer, Navigator...), dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Na opção GUARDAR COMO (em inglês, SAVE AS), também no menu FICHEIRO, poderá guardar o texto e atribuir um novo nome.

COMO IMPRIMIR O TEXTO

Para imprimir este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção IMPRIMIR (em inglês, PRINT) no seu browser, dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Também poderá aceder a esta função seleccionando o botão de impressão (com a imagem de uma impressora), disponível na barra de ferramentas.

NOTA IMPORTANTE

Para voltar ao artigo não feche esta janela. Utilize o botão do browser RETROCEDER (em inglês, BACK), situado no lado esquerdo da barra de ferramentas.



A violência em religiões históricas (ou grandes religiões)

José Anes *

Janus 2007

As religiões oferecem ao indivíduo e à comunidade significado e justificação para as suas vidas transitórias e limitadas. As ciências sociais explicam, como refere Charles Selengut, *que uma função primária das instituições religiosas é fornecer ordem social e estrutura normativa à existência humana, protegendo a sociedade do caos e assegurando ao indivíduo que a vida, tanto com as suas bênçãos como com as suas desilusões, tem sentido e valor últimos*¹.

Religião e caos social

É indubitável que a religião oferece uma ordem que se opõe ao caos social e que se pretende também opor ao caos biológico e psicológico, mas perguntarão alguns: a violência em nome da religião não reconduz própria ao caos? René Girard, como vimos, resolve este aparente paradoxo com a sua teoria denominada “mecanismo da vítima expiatória (ou emissária)” que sustenta que a violência contra o Outro (individual ou colectivo) pode resolver as crises da comunidade – a sua desordem – através da canalização unânime da violência e da desordem indiscriminadas, sobre um Outro – a chamada “unanimidade violenta”, que substitui com êxito a “violência indiferenciada”.

Ao mesmo tempo – e aqui ainda no domínio do caos social, biológico e psicológico – , continua Selengut, *Os sistemas religiosos fornecem (...) uma teodiceia, uma explicação do sofrimento humano que promete uma recompensa última num além de felicidade e bênção eternas, para aqueles que seguiram os ensinamentos religiosos e que foram fiéis e obedientes durante as suas vidas*². Ora, a obediência religiosa tanto pode ser relativa a mandamentos de amor e tolerância fraternos como, em épocas de crise e sob a inspiração de líderes carismáticos, pode implicar o cumprimento do dever de fazer uma “guerra santa” contra os outros (vizinhos ou não). *Ao fiel, nestas circunstâncias, é oferecida uma terrível escolha: se ele é um verdadeiro crente, se quiser permanecer como uma parte da comunidade e assegurar-se da recompensa celestial, deve responder e cumprir actos violentos contra os inimigos da religião*³.

A violência, pelo menos simbólica, está pois presente não só no sagrado (nesse sagrado que alguns denominam “selvagem”), mas também no religioso (“domesticado”) das “grandes religiões”, ou “religiões históricas”, não apenas através da presença de símbolos de morte – exemplos disto são, no Cristianismo, a comemoração da Paixão de Cristo e também, no Xiismo, a comemoração do martírio de Ali –, mas também de verdadeiros exemplos de violência e de destruição de pessoas e bens inseridos num contexto religioso. Diga-se, entretanto, que as comemorações simbólicas de acontecimentos violentos, de alguma maneira fundadores das religiões, têm (na tese de Girard) a função social de substituir a violência real (fundadora) por uma violência simbólica (actual); no entanto, é claro que o imaginário simbólico da violência e da morte permanecem disponíveis para se



atualizarem quando as condições forem favoráveis.

Vejamos brevemente alguns exemplos – e apenas no contexto das três religiões do Livro⁴ – retirados de textos religiosos, os quais atestam incitamentos à violência contra os outros⁵:

- **Judaísmo:** a **Tora** (o nosso Antigo Testamento): *Vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé* (Deut. 19, 21), *Mas as vidas destes povos que o Senhor te dá como herança são as únicas em que tu não deixarás subsistir nenhum ser vivo* (Deut., 20, 15-18).

- **Cristianismo:** (para além do Antigo Testamento, que é a sua matriz) apesar de mais raramente se verificarem apelos à violência, poderemos encontrar também, no **Novo Testamento**, alguns traços de violência simbólica ou real, p.e., *Cristo não traz a paz, mas o fogo e a espada* (Lucas, 12, 49); recordemos também, a propósito, a expulsão violenta dos vendilhões do Templo (Marcos, 11, 15-17).

- **Islamismo:** no al-**Corão**, a “*jihad*”, *Combatei no caminho de Deus os que lutam contra vós... Deus não ama os transgressores. Matai-os sempre que os encontréis... Se eles vos combaterem, matai-os: tal é a retribuição dos incrédulos* (II, 190-191), *malditos (os hipócritas) onde quer que se encontrem, eles serão capturados e mortos segundo o costume de Deus...* (XXIII, 60-62).

Em nome da religião temos, pois, duas posições contraditórias: por um lado, a glorificação da violência e, por outro, o triunfo sobre a violência através do estabelecimento de normas morais de amor e convivência fraterna entre os homens – e também, como vimos, a comemoração simbólica de violências fundadoras – cf. Girard⁶. Será Deus, para os que n’Ele crêem, que tem a culpa disso? Não esqueçamos que as religiões e os textos religiosos podem ser inspirados por Deus – os crentes assim o afirmam e sentem – mas a história religiosa é escrita pelos homens.

Doutrina e violência

É, de facto, muito difícil isolar os elementos religiosos dos elementos históricos e socio-políticos, pois as histórias das religiões são também histórias de indivíduos e comunidades inseridos no tempo e no espaço, indivíduos e comunidades que se crêem inspirados e protegidos por Deus, mas que por vezes vivem em relação conflituosa com outras comunidades e que transpõem essa relação para declarações religiosas de apoio divino e de vingança contra os inimigos. Como muito bem referiu, em 1995, o Padre Carreira das Neves, na sua aula de Jubilação, **os textos sagrados e as ideias religiosas são obra dos homens**, são escritos pelos homens (mesmo que eles pensem que são inspirados por Deus), em contextos históricos e geográficos determinados.

Para Mark Juergensmeyer, *O papel desempenhado pelas religiões na formação da identidade histórico-sociocultural de um povo pode, em seguida, dar origem a confrontações com outras formações “socioculturais”; particularmente em épocas de confrontação, a “superestrutura” religiosa pode ganhar uma autonomia muito grande em relação à “infra-estrutura”*. Por outro lado, o que é de suma importância neste quadro de estudo, *“A religião dá, muitas vezes, uma identidade pessoal e de grupo mais forte que a identidade nacional (ex.: a Nação islâmica)*. Além disso, *“A relação do poder com a religião pode dar origem à violência, até porque os símbolos religiosos, se podem conduzir à paz e à harmonia, são também extremamente*



poderosos no suscitar do ódio e da violência – o poder dos símbolos (religiosos)". Mas, para além da contextualização histórica – que explica, mas não desculpa, muitas das confrontações violentas que surgem nos textos sagrados –, é preciso (voltamos a dizê-lo) considerar a dimensão puramente religiosa que inclui a crença em Deus e no mundo sobrenatural e a negação da morte – através da afirmação da imortalidade pessoal e da vida além da morte –, que são características de muitas religiões. Além disso, as interpretações literárias dogmáticas das religiões – assentes na suposta (mas real, para os crentes) origem divina dos textos religiosos –, acentuam a violência sobre os heterodoxos, os herejes e os infiéis, enquanto as interpretações (hermenêuticas) espirituais (e mesmo esotéricas) deveriam conduzir a uma visão mais universal, abrangente e tolerante dos textos religiosos – o que nem sempre é verdade (p.e.: a antiga seita ismaelita dos Assassinos e a contemporânea neotemplária e rosacruziana Ordem do Templo Solar).

Em suma, a doutrina religiosa pode estar na origem da violência, pois ao ser uma origem de salvação, ela dispensa verdades que pela sua natureza se apresentam como absolutas e universais, às quais se acrescentam leis e obrigações que regulam a prática religiosa. Por vezes, se a doutrina pode conduzir à paz e ao amor, a prática – e a doutrina, também – pode conduzir à discriminação e à violência, tal como é o caso da institucionalização da religiões e as relações de poder a ela associadas.

Secularização e recomposição do religioso

Vejamos agora já não tanto as raízes históricas e doutrinárias das “grandes religiões”, mas a sua situação actual, particularmente a enorme surpresa que foi constatar que, após as afirmações da “teoria da secularização” que previam um retrocesso da religião no mundo moderno – e o “desencantamento do mundo” –, a religião regressa em força, sob novas formas, muitas das quais “efervescentes” e mesmo violentas. Este ressurgimento da religião com os seus fundamentalismos e radicalismos diversos é sinal de um “reencantamento” do mundo – talvez de um modo por vezes “selvagem” e “caótico”, mas com uma lógica que é perceptível.

A “teoria da secularização” de Peter Berger (cf. *A Sacred Canopy*⁷) estabeleceu-se a partir da constatação de uma evidente crise das instituições religiosas no mundo moderno, no qual o religioso se afastou progressivamente da “praça pública”, privatizando-se. A laicização do Estado moderno democrático e a sua neutralidade em relação às religiões – conquista da sociedade moderna, desde que seja entendida apenas como a laicização do Estado, mas não como uma laicização forçada da sociedade e dos indivíduos – suscitou, ao mesmo tempo, um pluralismo religioso – que desorientou e desiludiu muitos dos que estavam presos às formas religiosas tradicionais, foi um dos temas que levaram ao (re)surgimento dos fundamentalismos, juntamente com a crise social e de sentido da sociedade. De facto criou-se em muitos espíritos um vazio de sentido que – sobretudo numa época em que as “grandes narrativas” ideológicas entraram numa profunda crise – foi facilmente ocupado pela religião, já não nas suas formas tradicionais, mas sob novas formas. Os sociólogos falam de uma decomposição do religioso tradicional, seguida de uma “recomposição do religioso” sob novas formas – cf., por exemplo, Danielle Hervieu-Léger, *La Religion pour mémoire*⁸ e *Le Pèlerin et le Converti*⁹ –, recomposição que traz um “reencantamento” do mundo que pretende preencher



esse vazio que as ideologias políticas e a tecnociência já não conseguem preencher. Perante esta situação, o próprio Peter Berger reconheceu o erro da sua previsão, pois em vez da “secularização” se verificou uma surpreendente “des-secularização” – ver o livro de Peter Berger e outros, *The Desecularization of the World*¹⁰. Na realidade tomou-se uma crise nas instituições religiosas tradicionais, pela crise do religioso em geral, não prevendo a necessidade da religião neste mundo moderno e em crise de sentido e não prevendo, portanto, a possibilidade de surgirem novas formas desse religioso. Quem – baseado numa concepção de religião diferente daquela de onde partiu Peter Berger e também diferente da definição simbólica de Clifford Geertz¹¹ – elaborou uma teoria que dava conta dessa possibilidade foram Rodney Stark e William S. Bainbridge, nos seus livros *The Future of Religion*¹² e *A Theory of Religion*¹³. Não procederemos aqui, no entanto, a uma discussão destas diferentes concepções da religião e das suas consequências na explicação do religioso contemporâneo¹⁴, pelo que continuaremos apenas na descrição desta nova situação.

A “vingança de Deus”

Esta recomposição do religioso sob novas formas deu origem a um grande conjunto de Novos Movimentos Religiosos (vulgo “seitas” ou “cultos”) e Espiritualidades Alternativas cujas manifestações mais violentas examinaremos no capítulo seguinte¹⁵. No entanto, esta recomposição do religioso acentuou também a reafirmação de antigas formas religiosas – das quais apenas uma pequena parte são violentas e terroristas, já que não se pode confundir fundamentalismo com terrorismo, embora o fundamentalismo seja às vezes um “caldo de cultura” para outras expressões violentas –, fundamentalistas, como resposta e reacção à modernidade e à laicização, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 70 do século XX, naquilo a que Gilles Kepel chamou uma “vingança de Deus”¹⁶ e que se traduz na eclosão dos fundamentalismos diversos:

- a revolução que, na Pérsia, levou ao estabelecimento da “república islâmica” dos *ayatholas* xiitas (Khomeini, etc.), com sequestros históricos e a eclosão de acções de “martírio” que começaram desde logo na Guerra Irão-Iraque, com os jovens e crianças iranianas caminhando à frente dos tanques a fim de rebentarem as minas e se estenderam ao Líbano a seguir a 82 (ano da invasão do Sul do Líbano pelas tropas israelitas), com as primeiras acções de “Terrorismo suicida” (contra americanos e franceses, em Beirute), logo enquadradas pela recém-criada *Hezbollah*;
- o desenvolvimento de novas formas de “integrismo católico” (Monsieur Lefèvre) e de conservadorismo católico (p.e., o movimento “Comunhão e Libertação” e a “Renovação Carismática”¹⁷), o fundamentalismo protestante nos EUA, com os pentecostais (ou pentecostais) e novos evangélicos do “*born again*” e de “tele-evangelistas” – com grande influência política, chegando mesmo à Casa Branca¹⁸ –, tendo como expressão mais violenta a campanha de ataques bombistas contra médicos, enfermeiros e clientes nas clínicas de aborto, levada a cabo por reverendos fundamentalistas radicais e ainda as acções terroristas da extrema-direita norte-americana, assente em motivações religiosas (ver Michael Barkun, *Religion and the Racist Right – The Origins of the Christian Identity Movement*, University of North Carolina Press, 1997 e Jeffrey Kaplan, *Radical Religion in*



America – Millenarian Movements from the Far Right to the Children of Noah, Syracuse University Press, 1997);

• e, no campo do Judaísmo, a criação de Institutos talmúdicos, com a sua crescente influência na sociedade israelita (exército incluído) e o aparecimento de um sionismo religioso com o seu programa de reconstituição do Israel bíblico (*Eretz Israel*) e o consequente plano de estabelecimento de colonatos (primeiramente reprimidos pela Polícia e pelo Exército israelitas e depois quase transformados em política oficiosa, até à importante e corajosa recente campanha de desmantelamento dos colonatos¹⁹) nos chamados territórios ocupados; Baruch Goldstein e o ataque ao Túmulo dos Patriarcas (Hebron, 1994), Yoel Lerner e o assassinato de Isaac Rabin por Yigal Amir (1995), Meir Kahane e as modernas justificações judaicas da violência, a Esplanada das Mesquitas em Jerusalem com a visita de A. Sharon (2000) e o lançamento da primeira pedra para a construção do 3.º Templo, pelos “Fiéis do Monte do Templo” (2001), são nomes e acontecimentos que importa referir, neste contexto (para mais um estudo desenvolvido destes temas, ver por exemplo, Ehud Sprinzak, *Brother Against Brother: Violence and Extremism in Israeli Politics, From Altalena to the Rabin Assassination*²⁰).

Mas é, de facto, no seio de Islão radical, o chamado “islamismo” – quer no Xiismo, quer no Sunismo – que se têm verificado recentemente os episódios mais dramáticos de violência religiosa, particularmente em franjas radicais e extremistas, de que sobressai a Al-Qaida e seu associados (e que analisaremos adiante, no texto referente ao terrorismo contemporâneo).

*José Anes

Licenciado em Química pela Faculdade de Ciências de Lisboa. Criminalista do Laboratório de Polícia Científica da Polícia Judiciária durante 19 anos. Docente convidado da FCSH/UNL, durante 18 anos. Doutorando em Antropologia da Religião.

É Vice-Presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo. Co-autor do livro “As Teias do Terror” (2006) e Director da revista “Segurança e Defesa”. É docente convidado do curso de pós-graduação e Mestrado em Direito e Segurança, na Faculdade de Direito da UNL. Foi docente do curso de especialização em “Violência Religiosa Contemporânea” na UAL.

Notas

¹ SELENGUT, Charles — *Sacred Fury – Understanding Religious Violence*. Altamira Press, NY, 2003, p. 8.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ O que não quer dizer que não existam exemplos de violência religiosa – passados ou presentes – em outras religiões, como por exemplo o Hinduísmo, o Sikismo e, pasme-se, o Budismo. Para ver exemplos disto, consultem-se, por exemplo, as obras de Mark JUERGENSMEYER, particularmente *Terror in the Mind of God* (op. cit.).

⁵ Ver por exemplo o livro, dir. Anand NAYAK — *Religions et violences*. 2000.

⁶ Segundo René Girard, a religião é uma forma de tentar controlar a violência (indiferenciada), através de rituais que comemoram simbolicamente a violência fundadora e o seu “mecanismo da vítima emissária (ou expiatória)”.

⁷ BERGER, Peter — *A Sacred Canopy – Elements of a Sociological Theory of Religion* (1967). Anchor Books, NY, 1969, 1990.

⁸ HERVIEU-LÉGER, Danielle — *La religion pour mémoire*. Le Cerf, Paris, 1993.

⁹ HERVIEU-LÉGER, Danielle — *Le pèlerin et le converti*. Flammarion, Paris, 1999; existe tradução recente em português na Gradiva, Lisboa.

¹⁰ BERGER, Peter (ed.) — *The Desecularization of the World – Resurgent Religion and World Politics*.



Ethics and Public Policy Center, Washington DC, 1999.

- ¹¹ Para o qual a religião é um “Sistema de símbolos que age de modo a suscitar nos homens motivações e disposições poderosas, profundas e duradouras, formulando concepções de ordem geral sobre a existência e dando a essas concepções uma tal aparência de realidade que essas motivações e essas disposições parecem assentar na própria realidade” (GEERTZ, C. — “Religion as a cultural system”. In *Anthropological Approach of the Study of Religion*, 1966, p. 4).
- ¹² STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William S. — *The Future of Religion: Secularization, Revival and Cult Formation*. University of California Press, 1985.
- ¹³ STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William S. — *A Theory of Religion*. Peter Lang, NY, 1987, reed. Rutgers University Press, 1996.
- ¹⁴ Deixaremos isso para um outro trabalho a publicar na revista *Forum Sociológico*.
- ¹⁵ Daremos conta resumidamente do fenómeno dos NMRs e das EAs num artigo incluído num número especial da revista *Forum Sociológico* (ISER – FCSH/UNL), dedicado às religiões e a publicar em finais de 2006.
- ¹⁶ KEPEL, Gilles — *La revanche de Dieu*. Publicado em português na Dom Quixote, Lisboa, com a título *A Vingança de Deus*.
- ¹⁷ Resposta católica ao pentecostalismo protestante.
- ¹⁸ A este respeito, ver FRACHON, Alain; VERNET, Daniel — *L’Amérique messianique – la guerre des néo-conservateurs*. Seuil, Paris, 2004.
FATH, Sébastien — *Dieu bénisse l’Amérique – la religion de la Maison-Blanche*. Seuil, Paris, 2004.
VICTOR, Barbara — *The Last Crusade – religion and politics of misdirection*. Constable, London, 2005.
- ¹⁹ Cujos efeitos benéficos foram entretanto neutralizados por atitudes bélicas recentes, embora com justificações de segurança e defesa em alguns casos admissíveis, quer na faixa de Gaza, quer no Sul do Líbano.
- ²⁰ Free Press, N.Y., 1999.